

---

## **Meu sobrenome é Favela Juventude é apenas uma palavra?<sup>1</sup>**

Daniela Nunes ARAUJO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O artigo concentra-se nas questões das juventudes, buscando compreender os efeitos de sua territorialização em uma sociedade marcada pela desigualdade como Brasil. Utilizando o método intuitivo, e suporte teórico de Mannheim (1993), Bourdieu (1983), Santos (1994), Carneiro (2023) e Sodré (2014). Essa abordagem permite uma análise qualitativa das disparidades educacionais, da comunicação popular como mobilizadora, das dinâmicas culturais e territoriais, e dos dispositivos de racialidade. O objetivo é abrir caminho para novas interpretações. Não se pretende aqui esgotar o tema, mas sim colaborar com a pluralização desta palavra conceito para outras leituras possíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude; Comunidade; Comunicação; Memória e Oralidade;

### **INTRODUÇÃO:**

Ainda no ensino médio nos anos 2000, como jovem negra de favela inserida no contexto católico e participante de grupos de música, catequeses e encontros religiosos notei uma diferença em como éramos nomeados e referenciados nestes ambientes distintos. Meus amigos na comunidade eram conhecidos por seu primeiro nome e por um apelido ou, no caso de uma especificação quase qualitativa, pelo nome do familiar mais importante no contexto local. No meu caso eu era a filha caçula da Dona Graça, figura atuante na vida comunitária e reconhecida como liderança negra feminina. Na igreja, situada em um bairro vizinho de classe média alta, esse código não fazia o menor sentido aos meus novos interlocutores, assim, me tornei a Danizinha do Preventório.

Ao ganhar como sobrenome o nome da comunidade em que vivia, fui observando que meus colegas mais abastados eram diferenciados pelo sobrenome.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação da ECO-UFRJ, email: daniela.araujo@ufrj.br. Integrante do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais - GEMS/LECC

Sobrenomes novos e muito respeitáveis na minha leitura naquele momento, não demorei a notar que estavam associados a famílias com tradição em nobres profissões como médicos, dentistas, advogados e até mesmo restauradores de obras de arte, essa última profissão eu sequer sabia da existência naquele momento. Ao mesmo tempo que fui assimilando meu sobrenome: “Preventório”, fui compreendendo as diferenças estruturais entre o que é ser uma jovem de favela ou um jovem de classe média.

Essa introdução, certamente, não carrega todas as questões a serem abordadas no âmbito da juventude enquanto categoria, mas sim, aporta um pano de fundo a essa reflexão, na medida em que exemplifica como uma experiência pode transitar entre duas realidades distintas. Ao mesmo tempo é também basilar, um ponto de partida reflexivo ou ainda uma perspectiva de análise proposta para complexificar as leituras sobre a juventude e a noção de gerações possíveis em contexto de desigualdade social e racismo.

## **FUNDAMENTAÇÃO E ANÁLISE:**

Com o objetivo de colaborar com os esforços de compreensão das diferentes experiências de juventude, utilizamos o método intuitivo, onde as experiências vividas e observadas pela autora, somadas às contribuições de Mannheim (1993) para analisar o contexto em relação às classes sociais; Bourdieu (1983) como base para considerar as disparidades no processo educativo; Felix, Fragoso, e Costa (2018) no contexto da comunicação popular como agente de mobilização; Santos (1994) como referência em Cultura e Território na perspectiva disruptiva à delimitação geopolítica pré-determinada; Carneiro (2023) para o reconhecimento dos dispositivos de racialidade; e Sodré (2014) na análise da potência na construção do vínculo social intangível, 'O Comum', são bases para a escrita reflexiva e para a análise qualitativa dessas experiências.

Ao refletir sobre as gerações, Mannheim compara a visão positivista francesa com a perspectiva alemã. Nessa vertente positivista o autor destaca uma análise do “ser humano” a partir da captação de dados quantitativos enquanto corrente histórico-romântica, segundo o autor, se priorizava a abordagem qualitativa, uma negação dos dados objetivos questionada por Mannheim.

---

“O objetivo é compreender a mudança formal das correntes espirituais e sociais imediatamente da esfera biológica; compreender a configuração do progresso da raça humana a partir do substrato vital... a história do espírito aparece naquela visão como se apenas as tabelas cronológicas tivessem sido estudadas.” (p.195). Tradução da autora.<sup>3</sup>

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a autora deste artigo, brevemente apresentada na introdução, carrega em sua trajetória de vida e, o ponto de vista de uma moradora de uma comunidade marginalizada no contexto social Brasileiro. Embora haja um esforço de reconhecer as limitações deste lugar de fala, carrega consigo uma outra perspectiva, na qual adotar um ponto de vista de uma classe se torna um valor positivo diante da histórica narrativa sobre o sul global de modo geral e sobre as favelas de modo específico, por parte das classes dominantes, e das narrativas norte dominante, às quais a qual somos submetidos. Neste sentido, assumir esse lugar de falar é disputar as narrativas sobre as correlações entre as realidades experimentadas por diferentes juventudes.

É, portanto, justamente a partir de um outro ponto de, não eurocêntrico e periférico, que se trata dos esforços reflexivos deste artigo. Poderíamos nós, jovens de favelas e comunidades do Rio de Janeiro, alcançarmos reflexões profundas sobre as questões que nos afetam a partir de um olhar deslocado do nosso momento histórico a partir das forças sociais existentes? Haverá, portanto, uma noção humana e biológica que nos permitam compreender no que diferem as juventudes?

No Brasil das muitas periferias, é preciso lembrar que não é razoável negar as ancestralidades que nos constituem, se por um lado herdamos de Portugal e da Europa hábitos, costumes e festividades, por outro, somos compostos por tradições de inúmeras nações indígenas que aqui estavam e pela rica cultura negra que nos chegou com a diáspora. No entanto, sermos racializados nos tornamos o outro ao qual a distinção se dá de forma negativa, ao qual não é considerado o sobrenome.

“Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de

---

<sup>3</sup> La meta es comprender el cambio formal de las corrientes espirituales y sociales inmediatamente a partir de la esfera biológica; aprehender la configuración del progreso del género humano partiendo del sustrato vital ... la historia del espíritu aparece en esa visión como se únicamente se hubieran estudiado las tablas cronológicas. (p.195).

---

outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro.” (Carneiro, 2023, p.12)

Quais impactos uma narrativa de dominação, aos moldes da história única evocada por Chimamanda Adichie (2009), pode provocar em uma sociedade escravista? Como a dominação das ferramentas de construção e registro da história a partir de um determinado ponto de vista pode determinar leituras futuras da nossa história? O poeta baiano Waly Salomão cunhou a célebre frase: “A memória é uma ilha de edição”, e com ela está posto o desafio de desconfiar desta narrativa evocando as memórias fruto de narrativas orais e subalternizadas para buscar reeditar essa história a partir do resgate das histórias negadas. Essas memórias são, em parte, nosso sobrenome.

A fronteira entre a juventude e a velhice, objeto de disputas conceituais, narrativas e políticas nas diferentes sociedades, pode ser ainda mais aguda dentro de uma sociedade desigual como a brasileira. A representação da divisão entre jovens e velhos pode ser considerada ideológica, pois dependendo do contexto social ela pode determinar aos mais jovens, de uma determinada classe social, coisas que fazem com que esses tenham, ou não, possibilidade de fazer escolhas ao mesmo tempo em que precisam compreender as escolhas que lhes são negadas, pois estas precisam ser abdicadas em razão de sua faixa etária aos mais velhos. Esse padrão onde há uma divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão dos poderes e de possibilidades pré-estabelecidas pelas condições materiais de vida. (Bourdieu 1983).

As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. Quando passamos dos intelectuais para os diretores executivos, tudo aquilo que aparenta juventude, cabelos longos, jeans, etc., desaparece. (Bourdieu, 1983, p.2)

O sistema escolar pode, ainda, ser nebuloso para jovens das periferias, com muitas barreiras que dificultam o acesso e a permanência. Nessa realidade de limites tênues, sobrenomes e endereços acirram as desigualdades. Nesse sentido os esforços coletivos para construção de redes de proteção aos menos favorecidos se tornam

elemento fundamental para a possibilidade de ampliação de perspectivas de vida. Para Daniela do Preventório, foi a comunicação popular, a rede, que possibilitou essa ampliação. A comunicação como estratégia coletiva de disputas de narrativas e construção de novas possibilidades, neste caso, foi um diluidor de fatores limitantes. Considera-se comunicação popular neste contexto a definição:

(...) a comunicação popular é aquela produzida pelo povo e para o povo com o objetivo de alterar a realidade social de uma determinada comunidade ou grupo social. O público destinatário, nesse projeto, é similar ao emissor. A comunicação deve ser feita coletivamente, e as pautas tratadas nesses veículos devem ser alternativas aos assuntos reservados à grande mídia. (FELIX; FRAGOSO; COSTA, 2018, p.03).

O limite geográfico não é, no entanto, suficiente para a configuração de uma comunicação popular, tampouco o território geopoliticamente definido pode dar conta da diversidade de experiências possíveis. As dinâmicas sociais em comunidades, favelas e morros, independem de definição ou delimitações conceituais externas para construir suas relações socioculturais e estão no cotidiano de uma dura realidade partilhada nas bases para configurações de relações e de trocas entre seus habitantes. Se por um lado faltam oportunidades, por outro as possibilidades do mundo se materializam em ocasiões, oportunidades cocriadas que, silenciosamente ou não, disputam e produzem seus ordenamentos.

O mundo oferece as possibilidades: e o lugar oferece as ocasiões. Não se trata aqui de um "exército de reserva" de lugares, senão da produção raciocinada de um espaço, no qual cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função dos atores hegemônicos, cuja eficácia depende doravante de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico. (SANTOS, 1994, p.24)

Neste sentido aposta-se em um processo de proteção e construção de conhecimento em rede, a partir das realidades partilhadas, sejam elas mazelas ou potências que se dão no vínculo social intangível o sentido do Comum proposto por Sodré.

---

...comum como o conceito de uma ausência ou um “nada” constitutivo, não apenas do que é visível no vínculo social, mas principalmente do comum que não se vê, o “despercebido imanente”. (SODRÉ, 2014 p.199)

Para o posicionamento em rede: a formação. Para a formação integral dos sujeitos: o resgate das memórias de lutas. Partindo desta premissa, podemos concluir que há, em cena, uma busca por memória e identidade imbricadas nas diferentes juventudes. Nas diferentes possibilidades geracionais ou etárias dessa fase de transição busca-se reconhecer-se no meio em que vive de acordo com as possibilidades. A produção de sentidos na perspectiva construtivista de representação, onde linguagem e discurso compõem a ideia de que a realidade social é construída coletivamente e não apenas uma simples representação da realidade, parece ser um caminho viável.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 2000.
- DICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FELIX, Carla Baiense; FRAGOSO, Mariana Pitasse; COSTA, Andrew. Entre o comunitário, o popular e o contra- hegemônico: limites teóricos e aproximações cotidianas. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 5, n. 10, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/15738>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 1993
- SANTOS. Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional / Milton Santos. - Local: São Paulo, HUCITEC, 1994.
- SODRÉ, Muniz. Comunicação e Racismo. Cultne.TV. Sala de aula T1EP16. Disponível em: <https://cultne.tv/educacao/sala-de-aula/97/sala-de-aula/video/2578/comunicacao-e-racismo-prof-dr-muniz-sodre> Visitado em 11/10/21